

# A IDENTIDADE DO PROFESSOR NO CONTO A AULA, DE SÉRGIO SANT'ANNA

Karen Stephanie Melo<sup>1</sup>

## RESUMO

A partir de um estudo do conto *A Aula* (1991), do autor de literatura brasileira Sérgio Sant'Anna, este artigo pretende realizar uma reflexão a respeito de como a identidade do professor é construída e determinada ao longo do texto. A análise fundamenta-se no conceito de dialogismo e em sua influência na construção da identidade do sujeito, proposto por Mikhail Bakhtin, assim como na teoria da descentração do sujeito, descrita por Stuart Hall, para discutir de que forma identidade do personagem-professor reflete o meio onde ele atua e a profissão que exerce. Para isso, toma-se também como fonte a obra de Valter Soares Guimarães, na qual o teórico discute o papel do professor na sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** professor, identidade, Sérgio Sant'Anna, Mikhail Bakhtin, Stuart Hall.

## ABSTRACT

Based on a study of the short tale *A Aula* (1991), written by the Brazilian literature author Sérgio Sant'Anna, this article *intends to* develop an analysis regarding how the teacher's identity is formed and determined throughout the text. The analysis is based on the concept of dialogism, suggested by Mikhail Bakhtin, and its influence in the construction of ones identity, as well as on the concept of descentration, described by Stuart Hall, to discuss in which way the teacher-character's identity reflects the environment where he acts and the profession he exercises. Likewise, the article finds itself in the assumptions of Valter Soares Guimarães, who looks into the role of the teachers in the contemporary society.

**Key words:** teacher, identity, Sérgio Sant'Anna, Mikhail Bakhtin, Stuart Hall

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Pois se a sua profissão se assemelhava sem dúvida a dos atores, estes levavam a suprema vantagem de conhecer previamente o texto que deveriam dizer no palco. (SANT'ANNA, 2007, p. 298)

## **Introdução**

Este artigo propõe uma breve reflexão acerca da construção da identidade do professor, a partir da análise do personagem principal do conto “A Aula”, do autor Sérgio Sant’Anna, publicado pela primeira vez na coletânea de contos intitulada “Breve História do Espírito”, em 1991.

Segundo a crítica literária, os três contos que fazem parte da coletânea dizem respeito a sujeitos que, ao tentarem executar tarefas, aparentemente simples, acabam por se deparar com verdadeiros desafios. A narrativa “A Aula”, em particular, trata de um professor universitário que, no retorno das férias, vê-se diante da árdua e exaustiva tarefa de elaborar uma aula inaugural para o curso de estética e filosofia da comunicação.

Ao se discutir a questão da identidade, não se pode esquecer que sua formação não é feita individualmente, uma vez que, segundo Bakhtin (2006b), o meio social é, também, responsável pela individuação do sujeito. Para o teórico, “nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse” (BAKHTIN, 2006a, p. 55); sendo assim, o homem é um ser influenciado por tudo aquilo que é exterior a ele, em todos os âmbitos de sua vida:

*Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros, da mãe, etc., e me é dado com a entonação, com o tom*

emotivo dos valores deles. *Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros*: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão a formação original *da representação que terei de mim mesmo* [...] (BAKHTIN, 2006a, p. 378, grifo nosso)

Dessa forma, o estudo do conto pretende, com base na análise do comportamento do personagem-professor, observar em seu discurso, em seus medos, receios e atitudes, de que forma sua identidade reflete o meio onde ele atua e a profissão que exerce. Como bem lembra Guimarães (2006), o professor, contraditoriamente, ao mesmo tempo que possui uma atividade profissional cada vez mais necessária, devido aos problemas e desafios da sociedade contemporânea, também vê seu reconhecimento e prestígio desprovidos da valorização adequada.

Sendo assim, será possível observar ao longo da análise do conto que o personagem teme ter sua reputação destruída a cada semestre, a cada aula, uma vez que a identidade profissional do professor é propiciada, principalmente, pelo seu saber, pela forma de ensinar e por aquilo que ele diz em sala de aula. Dessa forma, um simples deslize discursivo poderia arruinar a imagem estabelecida durante toda sua carreira. A imagem identitária do professor é estruturada, por conseguinte, através dos instrumentos por ele mais utilizados: o discurso oral; Bakhtin (2006a) afirma que o sujeito é também constituído na linguagem, sendo que o texto proferido por um falante é sempre uma resposta a outros textos anteriores.

### **A aula: o verbo primeiro que dará lugar a mais e mais palavras**

Ao se iniciar a leitura do conto, nota-se que o personagem se vê envolto a uma angústia e a um sentimento de impotência devido às demandas de sua profissão. Ele demonstra profunda ansiedade diante da iminência da aula inaugural do curso em que leciona: “sentira um princípio de vertigem, pontadas e compressão no peito” (SANT’ANNA, 2007, p. 295). Ele afirma que “seu maior desejo [...] era o de ver respeitado seu direito elementar de permanecer em silêncio” (SANT’ANNA, 2007, p. 295), o que vai completamente de encontro ao que é demandado na atividade docente.

Quando seu despertador toca, ele afirma ter sido arrancado de um mundo “infinitamente melhor” (SANT’ANNA, 2007, p. 296). Percebe, então, que há uma mulher em sua cama, uma ex-aluna; ao olhar para ela, sente desejo de simplesmente

aninhar o rosto em seu ventre: é uma busca pela proteção materna, uma proteção daquele mundo ameaçador em que ele se encontra.

O professor vai em seguida a seu escritório, recolher material para a aula. O narrador descreve tudo como uma “balbúrdia de livros e papéis [...] formando um acervo do útil, do inútil e até do implausível colhido em sua maior parte de jornais e revistas” (SANT’ANNA, 2007, p. 296). Tem-se a impressão de que esse sujeito é desorganizado. Suas aulas não são pautadas no conhecimento científico, ele parece recolher tudo, quase que aleatoriamente, de materiais cotidianos.

Ele tem um ímpeto de fugir e não mais ir à universidade. Mas não o faz, uma vez que os alunos e o chefe de departamento estariam a sua espera. Vê-se que o chefe de departamentos possui certa desconfiança da capacidade docente do personagem; as conjeturas do chefe em relação a ele se dão pelo fato de o professor ser *empírico*, ou seja, não metódico nem racionalmente organizado. Considerando-se que o professor é aquele que deve possuir um conhecimento diferenciado, que deve estar sempre apto a pautar-se nas teorias para transmitir sabedoria aos alunos, a impressão que se quer criar até aqui é a de que ele não possui metodologia de ensino: sua aula é um verdadeiro caos e seus alunos “discípulos indefesos” (SANT’ANNA, p. 297, 2007, p. 297).

Outra forma de deixar claro para o leitor a incapacidade de estruturar a aula ocorre quando, já no *campus*, ele compra um ovo em um *trailer*, para usar como material em sua aula inaugural. As expressões utilizadas ao descrever essa atitude deixam claro a forma como ele é visto por todos na universidade: “Embora sua cabeça não estivesse batendo bem [...]”, “sob os olhares desconfiados de outros fregueses, a maioria estudantes, gente convencional [...]”, “[...] a vizinhança da Pinel deixava as pessoas sempre de sobreaviso, ao menor sinal de um comportamento inusitado” (SANT’ANNA, 2007, p. 297). Isso mostra que um professor que age de forma diferente daquela esperada, que prepara aulas incomuns, poderia ser um indivíduo irracional.

Ao contrário do que se acredita sobre a experiência letiva, de que o professor necessita de uma aula preparada, um texto prévio, um guia para sua linha de pensamento, a aula do personagem é “regida pelas leis do acaso” (SANT’ANNA, 2007, p. 298).

Nota-se, portanto, que nas primeiras páginas, constrói-se a imagem de um professor inseguro, perdido em seu raciocínio, visto com desconfiança, desorganizado e criticado.

### **Um ovo e trevas atravessadas por um feixe de luz**

Para que se analise a aula desse professor, é necessário observar que, desde o início do conto, temos a imagem do ovo e das trevas. O ovo no sentido literal - pois ele o compra no trailer para levá-lo à sala de aula - e um ovo simbólico, um embrião que faria germinar uma ideia. As trevas também assumem essa duplicidade de significados: uma vez que ele se encontrava desprovido de planos para a aula inaugural, tudo parecia estar obscuro – causando-lhe desconforto físico e mental. Porém, na desordem de seu escritório, um dos materiais recolhidos é uma propaganda de cigarro, uma figura de “trevas atravessadas por um feixe *radioso* de luz” (SANT’ANNA, 2007, p. 296, grifo nosso). A descrição da propaganda se dá da seguinte forma:

Na verdade, elas não eram mais do que um encarte publicitário retirado de uma revista qualquer, numa campanha da marca de cigarros John Player Special, *com sua caixa negra com inscrições douradas*, e ele ainda não sabia o que fazer com aquilo [...]  
As duas páginas que estendeu sobre o quadro tinham um *fundo totalmente negro* e, na que ficou à esquerda, mostrava-se uma caixa de cigarros aberta. *A luz que a tornava visível* parecia provir das próprias letras *gravadas em dourado na caixa negra*, e dos cigarros dentro dela. [...] destacava-se em grandes dimensões, o logotipo com as iniciais entrelaçadas, JPS, de um dourado ofuscante *que nascia de um raio cósmico de luz penetrando as trevas mais absolutas do Caos*. (SANT’ANNA, 2007, p. 299, grifo nosso)

A descrição dessa propaganda é, por conseguinte, um primeiro indício de que, em meio àquela desordem, à aparente falta de um saber conceitual, o personagem seria capaz de fazer surgir algo brilhante, a partir do uso de materiais prosaicos.

O personagem passa a fazer, então, uma análise de sua imagem em relação à dos alunos. Ele sente-se, cada vez mais, distante deles; enquanto ele envelhece, seus alunos ficam cada vez mais jovens. Durante tal reflexão, ele se recorda do sonho que tivera na noite anterior: “era um clandestino numa cidade estranha, onde um policial lhe pedia documentos que ele não tinha [...]” (SANT’ANNA, 2007, p. 300); sendo assim, ele se

vê como um sujeito deslocado naquele ambiente e desprovido de identidade, “sem documentos”. Por isso, para conseguir dar início à sua aula, ele precisa ceder lugar a um outro, “o professor que abrigava dentro de si” (SANT’ANNA, 2007, p. 300).

A partir disso, vê-se que um fato fundamental a ser observado é que tudo aquilo que o personagem pensa e sente, tudo em sua vida é pautado em sua atividade profissional. Até mesmo a mulher que se encontra em sua cama, no início da narrativa, é uma de suas ex-alunas. Consequentemente, seu mundo é restrito, ele não consegue criar outras identidades para si.

O professor inicia sua aula com a frase “Tomemos como princípio o Caos<sup>2</sup>” (SANT’ANNA, 2007, p. 300) e para ele é o “verbo<sup>3</sup> ou a luz que atravessam esse caos, estabelecem uma diferença no indiferenciado” (SANT’ANNA, 2007, p. 300). A partir daí, a imagem do personagem fraco do início do conto passará a ser desconstruída e uma outra figura surgirá, elaborada a partir de seu discurso e constituída em sua fala. Antes havia o caos, a desordem de pensamentos, a angústia; todavia, o verbo, a palavra, farão vir à tona a verdadeira identidade desse professor.

Ele passará, assim, a apresentar-se perante a sala, como se fosse um ator diante de uma plateia “os espectadores [...] haviam conquistado o seu ingresso” (SANT’ANNA, 2007, p. 299), utilizando o ovo como metáfora da vida e as trevas como símbolo da morte, “Porque onde há vida, há o germe de sua destruição” (SANT’ANNA, 2007, p. 301). É importante ressaltar que, dessa forma, o conceito anterior de que esse professor de filosofia baseia-se apenas no empírico e possui uma aula desorganizada, começa a perder o valor. Sua aula irá tomar como base, apesar de não ser colocada explicitamente no texto, a teoria de Heráclito<sup>4</sup> da harmonia universal, provinda do

---

<sup>2</sup> A frase “No princípio era o Caos” remete à visão mitológica da criação do universo. O Caos, na mitologia, se trata de um abismo escuro que, em conjunto com Gaia (chão do mundo) e Eros (impulso primordial do universo) dão origem a todas as coisas. Fonte: <<http://eulaliafernandes.wordpress.com/2011/04/03/no-principio-era-o-caos/>> acesso em 22 de maio de 2012.

<sup>3</sup> Com relação ao aparecimento do vocábulo “verbo”, com base na frase anterior, sobre o caos, é possível fazer uma intertextualidade desse fragmento com uma das passagens bíblicas mais conhecidas: “No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus... E o Verbo se fez carne e habitou entre nós [...]”. Sendo assim, explicita-se o conhecimento da personagem, tanto da mitologia, quanto do texto cristão.

<sup>4</sup> “Para Heráclito, o mundo é um fluxo permanente em que nada permanece idêntico a si mesmo. Tudo se transforma no seu contrário [...] É na síntese entre os pares de contrário [...] da multiplicidade

conflito entre os opostos. Para Heráclito, os contrários ocupam perfeitamente o mesmo espaço, como o início e o final de uma esfera; ou seja, como o ovo, como a vida e a morte, como o início e o fim de um dia, como uma *aula*.

Através da forte imagem da concepção de vida e morte estabelecida por esse professor, ele é capaz de captar a total atenção dos alunos “Ele fez uma pequena pausa [...] e por detrás dos óculos escuros [deu] uma rápida passada e olhos nos alunos, a fim de verificar se estavam atentos (e estavam) [...]” (SANT’ANNA, 2007, p. 302) Tal simbologia será explicitada, por meio do uso do material empírico levado à classe, durante toda a aula: “a cromaticidade macababra [...] das caixas de cigarro” (SANT’ANNA, 2007, p. 302) trariam essa noção dúbia, pois o cigarro funcionaria como a “chupeta do adulto” (SANT’ANNA, 2007, p. 303), uma representação do seio materno e, portanto, uma volta à infância. Por outro lado, o ato de fumar é também autodestrutivo e pode levar à morte.

Vemos que o comportamento desse professor não permite que aluno algum interrompa sua aula, seu único contato é através do olhar e de um ou outro sorriso que eles dão ao longo de sua fala. Ao iniciar seu discurso, ele se estabelece como um mestre dotado de conhecimento superior e a plateia, como em um teatro, não pode impedir a continuidade de seu show.

Apesar disso, a insegurança do personagem como sujeito ainda prevalece em alguns instantes: a vertigem volta a ele e, por diversas vezes, sente-se prestes a ser acometido por um enfarte, o que, segundo ele, seria melhor do que cair no ridículo. Ele é perfeccionista e teme, o tempo todo, cometer qualquer deslize que possa ferir sua reputação. Seu desejo é ser reconhecido como um professor indefectível, envolto em uma “aura mítica” (SANT’ANNA, 2007, p. 304). Contudo, ele se percebe incompreendido o tempo todo. Seus alunos riem nos momentos errados:

*Era como no teatro: para não encararem face a face o drama, os espectadores se regozijavam com as tolices, ignorando que a grande comicidade se escondia no arcabouço das construções mais graves, uma das quais ele pretendia edificar, ainda que com a efemeridade das aulas. (SANT’ANNA, 2007, p. 305, grifo nosso)*

Portanto, os alunos, para quem a aula é, em primeira instância destinada, não se encontram no mesmo parâmetro que ele e são inaptos a compreenderem a alocação do mestre: “os alunos também sorriram para ele, com toda a certeza *por razões equivocadas*” (SANT’ANNA, 2007, p. 305, grifo nosso).

### **A metalinguagem: a palavra primordial que corresponde à forma primária e perfeita e ao verbo divino**

Em uma terceira instância, verifica-se que o texto fará uso da metalinguagem para discutir o sentido da alocação. Ocorrerá uma análise do verbo, do discurso, uma forma de entender a palavra. Tomando como ponto de partida uma obra de James Joyce – fato que também colocará em evidência os vastos conhecimentos teóricos do docente – faz-se uma discussão metafísica<sup>5</sup> da origem do homem, partindo do ovo cósmico<sup>6</sup> e da análise literária da obra *Fineggans Wake*, de James Joyce. Tal obra compara a queda do homem, perante Deus, à queda de Humpty-Dumpty<sup>7</sup>, o homem ovo. No texto de Joyce, durante a queda de Humpty-Dumpty, há o ressoar de uma palavra imensa e polilíngue que traz a raiz do vocábulo trovão. A partir disso, o professor passa a explicar para a sala que na língua portuguesa, a palavra ovo é dotada de significado e significante; isto é, a palavra porta em si a forma do objeto. De acordo com o professor, o vocábulo “ovo” possui uma imagem acústica (significante) intimamente ligada a seu conceito (significado).

O mestre não simplesmente cita a teoria de Ferdinand de Saussure, mas ele literalmente se compara ao linguista. Isso fica bastante claro quando, ao comparar sua aula a uma *obra de arte*, tem um ímpeto de esconder sua “Grande Revelação”. Todavia,

---

<sup>5</sup> Metafísica, como a busca de uma explicação racional da realidade, partindo da experiência.

<sup>6</sup> O ovo cósmico diz respeito ao local de nascimento do Universo Manifestado finito, representado por um grande círculo esférico. Nele surgiram os dois movimentos energéticos contrários. O primeiro movimento centrípeto positivo, girando no sentido horário, e o segundo centrífugo negativo, girando no sentido anti-horário. Ambos os movimentos, entrelaçados, formam o Ovo Finito. Fonte: <www.cdlnet.com.br>, acesso em 20 de maio de 2012.

<sup>7</sup> Humpty-Dumpty é o personagem que dá título a uma canção de ninar em língua inglesa, a qual narra a história de um homem-ovo que sofre uma queda de cima de um muro e se quebra, sob o trovejar do verbo divino. A personagem fez parte de diversas histórias populares em língua inglesa, tendo, até mesmo, aparecido em “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll.



lembra-se de que os pensamentos de Saussure nunca foram registrados por ele mesmo, mas sim por seus discípulos. Dessa forma, é possível perceber que o personagem compara sua descoberta às do filósofo suíço, que dariam origem à linguística como ciência. Vê-se, aí, a hiper-valorização que ele faz de si e de sua aula, em oposição à imagem inicial, de um professor fraco e inseguro, ansioso e criticado.

Há, por isso, um novo contato com a turma e o professor percebe que seus alunos conseguiram compreender sobre o que ele estava falando, ainda que fora um “pequeno [...] passo em direção ao entendimento”. (SANT’ANNA, 2007, p. 307). Portanto, ele se coloca como portador de todos os conhecimentos e julga os alunos como seres vazios. O papel do professor seria, portanto, fazer germinar o conhecimento dentro deles – assim como a vida germina dentro do ovo.

Voltando à imagem do Humpty-Dumpty, que cai ao ressoar do verbo divino, é como se a fala dele, como mestre, fosse capaz de subjugar os alunos. E é por isso que apenas a sua fala prevalece durante a aula. Ele constrói sua própria identidade à medida que ganha confiança em sua fala: “E, desta vez, foi com total confiança – a confiança de quem vislumbrava a luz no limite das trevas – que se voltou para a turma e para o próprio ovo [...]” (SANT’ANNA, 2007, p. 306)

Ao final da aula, decifrado todo o enigma do ovo, o professor abre a mão e deixa que ele caia no chão e se quebre e, em seguida, “sai de cena”. Ele acredita que sua *performance* foi tão espetacular, que chega a dizer ter tido a impressão de ouvir aplausos atrás de si. Mas os aplausos não ocorrem. Para ele, sua pedagogia apoia-se no conceito de “sedução através do choque”. Isso significa que ele crê que sua aula é algo impactante, capaz de deixar seus alunos mudos e perplexos. Ele não deseja ouvir qualquer interferência de seus ouvintes, qualquer pergunta mundana que transformaria aquilo em uma aula como qualquer outra. Por isso, sai da sala antes que lhe perguntem “Professor, não vai ter chamada?” (SANT’ANNA, 2007, p. 310)

Portanto, a imagem criada neste momento é a de um professor autoritário, que não permite ao aluno opinar durante a aula, dominador. Ele se coloca em uma posição de distanciamento perante a sala. Contudo, se considerarmos o medo da falha que este personagem possui, pode-se entender que os alunos são privados da fala, pois o professor não quer ouvir críticas ou questionamentos. Tudo o que disse deve permanecer como verdade absoluta.

## A narrativa circular: o percurso refeito

Após a análise da aula, é fundamental que seja destacada a estrutura na qual edifica a construção da narrativa. Assim como o ovo, com sua estrutura circular, que funciona como representação do infinito e dos opostos, percebe-se que também o conto possui uma circularidade.

Primeiramente, o personagem acorda em sua casa, onde se encontra com a ex-aluna na cama, toma banho, sai, encontra-se com a mulher louca no campus e segue até a classe. Ao final da aula, faz exatamente o percurso contrário: encontra-se com a louca, toma banho, e vai para a cama com a ex-aluna.

Enquanto encontra-se no banho, sente como se tudo estivesse sendo apagado e ele voltara a ser uma *tabula rasa*, vazio.

Consequentemente, dessa vez, a confiança ganha durante a aula, a perspectiva de superioridade e o enaltecimento de si são apagados. Fica subentendido que, no dia seguinte, a angústia, a ansiedade e a insegurança retornarão e esse professor terá de superar mais uma vez, para conseguir manter sua figura impecável.

Para ele, sua jornada diária assemelha-se a uma Odisseia: ao deitar-se na cama, ele afirma mergulhar “nas trevas de Penélope”; isto é, ele se compara ao herói Ulisses, de “A Odisseia<sup>8</sup>”: “mergulhado numa aventura repleta de riscos [...] da qual não tivera nenhuma garantia de que pudesse sair ileso ou até retonar.” (SANT’ANNA, 2007, p. 311).

Esse auto-questionamento do professor é facilmente compreendido, se considerarmos o contexto histórico contemporâneo em que este personagem está inserido e as questões e problemas que permeiam sua profissão. De acordo com o teórico Valter Soares Guimarães,

[é preciso que se compreendam] as demandas e as expectativas quanto ao desempenho do professor em face das *mudanças e incertezas* postas pela realidade contemporânea e, em contrapartida, *as maneiras*

---

<sup>8</sup> Um dos principais poemas épicos da Grécia Antiga, que relata a volta do herói, Ulisses, da guerra de Troia. Após a guerra, que havia durado dez anos, Ulisses demora dezessete anos para retornar à sua casa. Enquanto isso, Penélope, sua esposa, aguarda fielmente por sua volta.

*como esse profissional é representado na sociedade e o que esta, efetivamente, lhe nega ou oferece. (2006, p. 28, grifo nosso)*

Ainda segundo Guimarães, os professores têm encontrado cada vez mais dificuldade em operacionalizar conceitos teóricos. Há uma desvalorização da carreira do professor, o que “exerce uma efeito direto na identidade profissional” (GUIMARÃES, 2006, p. 13) do docente.

### **A identidade: do ovo a Deus**

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios [...] Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo. (HALL, 2011, p. 9)

A partir da informação de que o professor encontra-se repleto de incertezas, devido às mudanças do mundo contemporâneo, e da observação de Stuart Hall, a respeito da crise de identidade do sujeito, diante das transformações do mundo, constata-se que o personagem-professor na narrativa constrói e desconstrói a imagem que tem de si diariamente.

Ele precisa despir-se do sujeito comum e inseguro para ser capaz de ministrar suas aulas. É necessário fazer-se diferente, vestir uma espécie de fantasia e montar um espetáculo. Sua fragilidade não é exposta para os alunos; pelo contrário, através do discurso, ele obtém êxito em arquitetar um personagem na presença do outro. A alteridade permite, ainda, a ampliação das construções discursivas. É por isso que a identidade do professor pauta-se fundamentalmente em sua fala.

Como a identidade é construída por essa alteridade, ao impor seus conhecimentos ante a sala de aula, ele se torna confiante. Os alunos, portanto, fazem parte do processo de sua formação humana e profissional. Além disso, o encontro com o outro impede a constituição de uma identidade estável do indivíduo, deixando-a sempre mutável, diversa e múltipla.

Dessa forma, assim como sua aula, ele inicia o dia como um ovo, ou seja, algo que ainda precisa germinar, e termina a aula como um deus. Mas o percurso sacrificante será reiniciado no dia seguinte: “E concluiu, satisfeito, que uma aula era também, literalmente, um sacrifício, em que um professor se imolava para renascer.” (SANT’ANNA, 2007, p. 311)

### **Referências Bibliográficas**

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006b.

GUIMARÃES, Valter Soares. *Formação de professores: saberes, identidade e profissão*. 3 ed. Campinas: Papirus, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011

SANT’ANNA, Sérgio. *50 contos e 3 novelas de Sérgio Sant’anna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.